

Sensibilidades e imaginário na obra de Saint-Exupéry: diálogos afetivos entre o Pequeno Príncipe, o aviador e a raposa

Ivone Oliveira Tavernard¹
Luzia Batista de Oliveira Silva²

Resumo: O artigo objetivou 'registrar' o diálogo afetivo entre o *Pequeno Príncipe* e a *Raposa*, personagens da obra de Saint Exupéry (1998). A narrativa ressalta a sensibilidade entre as personagens que se constitui como um dos mais belos diálogos da literatura infanto-juvenil do século XX. Em uma perspectiva bachelardiana (BACHELARD, 1996), o Pequeno Príncipe representa a criança adormecida, que ainda vive em cada adulto 'retratado' simbolicamente e nos fazendo rememorar a inocência, eivada de esperança, afetividade e imaginário. A raposa simboliza a natureza "protetora", também "tutora" da inocência, com a incumbência de ensinar lições atitudinais aos pequenos. Na frase: "o essencial é invisível aos olhos, e só se pode ver com o coração" nos leva a refletir sobre o olhar que subsume todos os olhares, como o enxergar as alteridades na vida, o mirar além do que os olhos nos podem dizer anatomicamente. Fazer parte da experiência que aprende também quando observa e se vê observada por outros. Os olhos podem ver quase tudo, mas somente o coração é capaz de sentir aquilo que é o essencial das coisas. Olhar e cativar, nesse poema, imbricam-se, porque, olhar com o coração, diz o autor, pode nos remeter ao cativar, no plano da afetividade, à confiança à atenção do outro, e todo cativar induz ao comprometimento equilibrado, amoroso no sentido filosófico: é sabedoria no ver – Sofia – no viver e no aprender.

Palavras Chave: educação, diálogos, criança, infância, sensibilidades.

Abstract: The article aimed at 'recording' the affective dialogue between the *Little Prince* and the *Fox*, characters from the work of Saint-Exupéry (1998). The narrative emphasizes the sensitivity between the characters that constitute one of the most beautiful dialogues of twentieth century children's literature. In a Bachelardian perspective (BACHELARD, 1996), the Little Prince represents the sleeping child, who still lives in every adult symbolically 'portrayed' and reminds us of an innocence, full of hope, affection and imagination. The fox symbolizes the "protective" nature, also "tutor" of innocence, with a duty to teach attitudinal lessons to the little ones. The words: "It is only with the heart that one can see rightly; what is essential is invisible to the eye" lead us to think about the look that subsumes all the looks, like seeing the otherness in life, like glancing beyond what the eyes can tell us anatomically. Being part of the experience which learns also when one observes and is observed. The eyes can see almost everything, but only the heart can feel what is the essential in things. To look and to tame, in the poem, are interwoven, because to look with the heart, says the author, can refer us to taming, in affectivity, to confidence, to the attention of the other, and all taming induces the balanced, loving commitment in philosophical sense: it is wisdom in seeing - Sofia – in living and in learning.

Keywords: education, dialogues, child, childhood, sensitivities.

¹. Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Professora da Educação Infantil, do Ensino Fundamental I e Ensino Superior. Membro do Grupo Pesquisa - Estética, Formação Superior e Infância (USF/CNPq). Docente da Faculdade de Ensino Superior Santa Bárbara na cidade de Tatuí – São Paulo. iolitav@hotmail.com / prof.ivone@faesb.edu.br

². Bacharel e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; Pós-doutorado em Antropologia pela Faculdade de Ciências Sociais da PUC/SP e Pós-Doutorado em Estética e Epistemologia pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Borgonha – Dijon/França. Docente nos Programas de Graduação e Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco, Campus Itatiba. luzia.silva@usf.edu.br / lubaos@gmail.com

“Tu te tornas eternamente responsável
por aquilo que cativas”.
[A. de SAINT-EXUPÉRY, 1998]

A obra *O Pequeno Príncipe* (1943), de Antoine de Saint Exupéry (1900-1944,) escrita nos Estados Unidos, foi considerada o mais famoso best-sellers do pós-guerra. A obra narra a história de um piloto de avião que sofreu um acidente e caiu no deserto do Saara. Perdido. O piloto se surpreende ao deparar-se com o ser mais inusitado naquele lugar: um menino. Numa leitura bachelardiana, recordemo-nos que a obra *A poética do Devaneio* (1996) do filósofo francês Gaston Bachelard (1884 -1962) nos leva a refletir sobre a imaginação, o devaneio poético na infância, a solidão criativa e as potencialidades da infância. São temas que um olhar inábil remete apenas à criança e ao idoso. No primeiro caso, a imaginação se afigura banalmente como se fosse sinônima da criança; já no segundo caso, tanto o devaneio como a solidão são faces do próprio idoso. O mais banalizado, porém, ainda é o tema da infância, que, na maioria das vezes, se confunde com o tema da criança.

Para Bachelard (1996, p.5), existe um sonhador de palavras, aquele que aponta que “é pela intencionalidade da imaginação poética que a alma do poeta encontra a abertura consciencial de toda verdadeira poesia”. Essa intencionalidade pressupõe consciência dos fatos e não elucubrações da realidade; consciência dos fatos capaz de levar a pessoa a sonhar uma outra realidade quando possível. Por isso, se compreende a capacidade de tomar também distância de cada palavra a fim de sonhar cada palavra vivida.

A maneira apressada como a que vivemos pode nos fazer viver um tempo de distensão, o tempo desprovido de atenção, cujo devaneio passa a ser o “... lugar de fuga para fora do real, nem sempre encontrando um mundo irreal consciente” (BACHELARD, 1996, p. 5). O filósofo afirma que, diferentemente do sonho que contamos aos outros, precisamos escrevê-lo, mas não aleatoriamente, porque “para comunicá-lo, é preciso *escrevê-lo* (sic), escrevê-lo com emoção, com gosto, revivendo-o melhor ao transcrevê-lo” (BACHELARD, 1996, p.7). O devaneio, quando escrito, torna-se poesia entre o escritor e o leitor.

Bachelard (1996, p. 93) refere-se à solidão que tem a ver quando sonhamos algo longamente, pois “... vamos para longe do presente reviver os tempos da primeira vida, vários rostos de criança vêm ao nosso encontro”. Esses rostos nos vêm pela narrativa contada por um outro, porque nos constituímos como sujeito a partir da narrativa de outros. É o devaneio que desata as nossas amarras e nos ajuda a nos desprender das narrativas dos outros.

Bachelard (1996, p.94) afirma que “as “solidões primeiras, ...solidões de criança, deixam em certas almas marcas indeléveis... Na solidão, a criança pode acalmar seus sofrimentos”. Acalmando o sofrimento, ela pode sonhar longamente... provocando esquecimento da dor e acendendo a esperança. Devolve-se a solidão de criança a fim de se alcançarem as solidões primeiras.

O filósofo (1996, p.94) inicia o tema da infância dizendo para deixarmos aos cuidados dos profissionais da saúde psicológica e mental a cura das infâncias maltratadas e oprimidas pelos adultos e propõe, para a filosofia e a pedagogia da infância, uma abertura à *poético-análise*, a fim de reconstruir o ser das solidões

libertadoras, uma vez que “a poético-análise deve devolver-nos todos os privilégios da imaginação”. A imaginação liberta o ser humano dos sofrimentos acumulados pela vida adulta.

O devaneio para Bachelard (1996) é tanto a consciência que se dissipa, que enfraquece e que hipnotiza a vida quanto a consciência que poetiza para abrandar os obstáculos à vida.

Na obra do filósofo francês (1996), há um diálogo poético e analítico da consciência que inspira a vida e a criatividade, a sensibilidade e o deslumbramento além do peso do real. São esses aspectos que nos parecem dialogar com a literatura de Saint-Exupéry (1998), no encontro do *Pequeno Príncipe* com a *Raposa*.

Bachelard (1996) descreve como se aflora a imaginação e também como ela se esvai. Para ele, a imaginação da criança é vivacidade, é potencialidade de encantamento, pois ela percebe beleza nas coisas mais singelas da vida, mas, no adulto, é ponto de estagnação e bloqueio. Assim, reviveremos os devaneios da imaginação criadora na *poético-análise* na obra *O Pequeno Príncipe*.

Na perspectiva bachelardiana, *O Pequeno Príncipe* simboliza a criança adormecida que ainda vive no adulto, refletindo a inocência, a esperança, a afetividade e a imaginação.

Bachelard (1996, p. 93) descreve que, “quando na solidão, sonhando mais longamente, vamos para longe do presente viver os tempos da primeira vida, vários rostos de crianças vêm ao nosso encontro”. A nosso ver, isso aconteceu com o autor da obra *O Pequeno Príncipe* ao lembrar-se de sua infância não compreendida, do olhar cansado e entediado dos adultos, pois, segundo Saint-Exupéry (1998, p.8), “as pessoas grande não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar toda hora explicando”.

O simbolismo da infância e da criança perpassa toda a narrativa do livro *O Pequeno Príncipe* é um convite ao devaneio e à reflexão, desmistificando equívocos sobre o que se pode produzir na solidão. A solidão, para a criança, na perspectiva de Bachelard (1996, p.94), produz conhecimento, e “quando sonhava em sua solidão, a criança conhecia uma existência sem limites. Seu devaneio não era simplesmente um devaneio de fuga. Era um devaneio de alçar voo”.

Destarte, é na solidão de um asteroide que *O Pequeno Príncipe* engendra suas aventuras.

Antes de conhecer *O Pequeno Príncipe*, o *Aviador* sobreviveu a um acidente com seu avião no deserto e desabafa: “vivi, portanto, só, sem amigo com quem pudesse realmente conversar, até o dia, acerca de seis anos atrás, em que tive uma pane no deserto do Saara” (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p.9). O desabafo talvez pudesse ser dito de outra forma: – “Será esse o meu fim?”

Após fazer uma análise da situação em que se encontra vivendo nas fronteiras da vida e da morte, o *Aviador* aproveita a noite para descansar o corpo, depois do dia trágico. Quem sabe uma noite de sono para acordar com novas perspectivas...!

Para Bachelard (1996, p.70),

Os dias são feitos para que repousemos de nossas noites, ou seja, os devaneios do dia lúcido são feitos para repousarmos dos nossos sonhos noturnos. Pois o repouso do sono descansa apenas o corpo. Só raramente ele põe a alma em repouso. O repouso da noite não nos

pertence. Não é o bem do nosso ser. O sono abre em nós um albergue de fantasmas. Uma das funções do devaneio é libertar-nos dos fardos da vida. Um verdadeiro instinto de devaneio é ativo na nossa *anima*; é esse instinto de devaneio que dá à psique a continuidade do seu repouso.

O Aviador, sentindo a solidão e vivendo no isolamento geográfico, perdido nas areias do deserto, após a primeira noite de seu suplício cartesiano da vida adulta, das certezas das coisas, vê, no entanto, surgir, com o clarear do dia, uma possibilidade inédita e inesperada para olhar a vida e o mundo e os elementos que se encontram ao seu redor por um outro prisma: o imaginário criativo e o devaneio...

O clamor pela vida e o instinto de sobrevivência repõem o sonhador na rota da vida real. Assim, ao raiar o dia, surge uma nova perspectiva. O *Aviador* é acordado com um pedido: “– Por favor... desenha-me (sic) um carneiro!” (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p.9).

Esse pedido causou espanto ao personagem por ter sido sacudido por uma voz suplicante de uma...criança. Disse para si mesmo: – “Como é possível uma criança sozinha no deserto?” E continuou se perguntando: – “E por que, em vez de pedir ajuda, ela pede que eu lhe faça um desenho? Será que o calor do dia anterior do deserto causou-me alucinações? Será o deserto o lugar das alucinações, do elemento perturbador ou estou eu sofrendo de uma “perturbação mental?” Não! Para o Aviador, deserto é o lugar do encontro com a vida em sua primeira viagem pelo mundo e também o lugar de fazer novas amizades, de reconstrução do ser das solidões!

O pedido-súplica chega ao ouvido do *Aviador*, segundo ele mesmo descreveu, “... como atingido por um raio” (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p.9). Como pode uma criança fazer tal pedido?! Estando num deserto, ela poderia pedir um punhado de coisas, mas, um carneiro?

Mas a criança quer mesmo o desenho... Justo um desenho! Certamente, tudo o que estava acontecendo deveria ser apenas um sonho...

A solicitação clama pela memória do Aviador como uma espada cortante. A memória, segundo Bachelard (1996, p. 94) “... é um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações”. Por isso, o Aviador pode estar sendo liberto da narrativa sobre si mesmo e, assim, “revivendo os tempos da primeira vida”; vida que fora desencorajada pelos adultos a fim de que se pusesse um fim no real quando ele tinha apenas seis anos de idade, época em que desenhava jiboias e elefantes.

Em nossa leitura bachelardiana, parece-nos que ao Aviador o destino lhe oferece a “possibilidade de reencontrar na própria vida os devaneios da criança solitária” que ele foi (BACHELARD, 1996, p.94). E ainda que tudo isso fosse apenas uma miragem, ele não tinha nada a perder, porque “quando o mistério é muito impressionante, a gente não ousa desobedecer” (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p.10). Apesar da tentativa de fazê-lo desistir do desenho, a sentença final foi singela: “– Não tem importância. Desenha-me um carneiro” (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p.10).

Ao Aviador, competiu, simplesmente obedecer...

Bachelard (1996, p.94) nos compele a reconhecer que existe a

...permanência, na alma humana de um núcleo de infância, uma infância imóvel, mas sempre viva, fora da história, oculta para os outros, disfarçada em história quando a contamos, mas que só tem um ser real nos seus instantes de iluminação – ou seja, nos instantes de sua existência poética.

Essa existência poética pode ser reconhecida no personagem *Aviador*, quando se permite sonhar mais longamente... quando faz os únicos desenhos que sabia fazer e que os adultos nunca conseguiram descobrir o que era cada desenho. Porém, para sua surpresa, ouviu do *Pequeno Príncipe*: “– Não! Não! Eu não quero um elefante numa jiboia. A jiboia é perigosa e o elefante toma muito espaço. Tudo é pequeno onde eu moro. Preciso é de um carneiro. Desenha-me um carneiro”. (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p. 12).

O que dizer diante de tal perspicácia e sensibilidade para reviver a própria infância? Desenhar o desejado CARNEIRO após várias tentativas frustradas, o *Aviador* arrisca e desenha uma caixa e diz: “– O carneiro está dentro!” (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p. 13). Mas se surpreende com o que diz o *Pequeno Príncipe*: “Era assim mesmo que eu queria!” (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p. 13).

Ao que nos parece, o personagem adulto estabeleceu uma relação mediada pela sensibilidade com o personagem criança. Numa retomada de sua infância, estabeleceu o diálogo entre o seu ser criança que caminha pelo mundo no passo das descobertas e o ser adulto que se redescobre nos planetas visitados, nas pessoas e nas coisas que, talvez, nunca tenha enxergado ao seu redor.

As imagens permanentes da infância parecem surgir para o *Aviador*, quando ele se permite criar novamente, o que, para Bachelard (1996, p.95), acontece porque as imagens de nossa infância são “imagens que uma criança pôde fazer, imagens que um poeta nos diz que uma criança fez, são para nós manifestações da infância permanente. São imagens da solidão”.

Saint-Exupéry (1998) descreve, poeticamente, as aventuras vividas pelo *Pequeno Príncipe*, certamente, porque “uma infância potencial habita em nós” (BACHELARD, 1996, p.95). Pode-se constatar essas imagens no *Aviador*, personagem capaz de compreender o desejo de aventura de um menino imaginário, tal qual ele fora um dia.

O encontro do *Pequeno Príncipe* com o *Aviador* propiciou uma anamnese para o piloto, fazendo-o rememorar momentos de sua infância incompreendida e endurecida em sua existência. Bachelard (1996, p. 95) considera que “E é assim que há comunicação entre um poeta da infância e seu leitor, por intermédio da infância que dura em nós”. E a infância, que dura em nós, se apresenta, sutilmente, na pessoa do *Aviador*.

O deserto teve inúmeros significados para o *Aviador*, a começar por presentear-lo a um amigo; amigo que tem “... a permanência, na alma humana de um núcleo de infância”.

A amizade foi a mola propulsora que guiou o *Aviador* a potencializar a infância que habitava nele, fazendo-o sair da inércia da vida adulta para o pulsar da imaginação criadora da infância. O que aciona sua imaginação é o pedido feito pelo *Pequeno Príncipe*: “– Por favor... desenha-me (sic) um carneiro!” (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p. 9).

A partir desse momento significativo, *O Pequeno Príncipe e o Aviador* estabelecem uma amizade impregnada de imaginação e afetividade, laços que, nessa narrativa, não serão rompidos pelo tempo. Para Bachelard (1996, p. 96), “O ser do devaneio atravessa sem envelhecer todas as idades do homem, da infância a velhice”. Também a amizade não possui idade biológica.

Após conhecer vários planetas e pessoas, *O Pequeno Príncipe* conhece um jardim cheio de rosas, e todas eram iguais à sua *Rosa* deixada no Asteroide B 612. Ele fica infeliz com a descoberta de que existem tantas rosas semelhantes à sua. Saint-Exupéry (1998, p. 65) o narrador diz para si mesmo: “sua flor lhe havia contado que ela era a única de sua espécie em todo o universo”. Mas qual seria o impacto da *Rosa* com a desculpa que dera ao mentir para o Príncipe que ela era única? Será que para aquele menino, ela, de fato, não era única? Certamente, também o jogo mentira e verdade para uma criança pode simbolizar o jogo entre a vida e a morte de maneira dramatizante.

O Pequeno Príncipe passa, então, a refletir sobre o que ele, de fato, possuía, pois, “... julgava rico de uma flor sem igual, e é apenas uma rosa comum que eu possuo. Uma rosa e três vulcões que me dão pelo joelho, um dos quais extinto para sempre. Isto não faz de mim um príncipe muito grande ...” (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p. 13, 65).

Sua reflexão o fez chorar deitado na relva. O choro de tristeza é rompido pela possibilidade de uma nova amizade, a Raposa, o animal que simboliza uma espécie de “protetora” e também “tutora” da inocência, com a incumbência de ensinar lições e atitudes valorosas para o menino.

O primeiro encontro dele com a raposa ocorre no campo, num rico cenário de beleza exuberante, um ambiente perfeito para dar asas à imaginação, aflorar sentimentos. O diálogo transcorre com leveza e sutileza entre seres tão distintos, mas com as mesmas carências afetivas, sensibilidades que afetam e seres que se deixam ser afetados pelo olhar do coração – da alma.

No segundo encontro, o *Pequeno Príncipe* consegue sonhar com uma possível amizade. Da mesma maneira que fez um pedido ao conhecer o Aviador, com a raposa não foi diferente. Imediatamente fez um convite: “– Vem brincar comigo”, propôs o príncipezinho completando: – “Estou tão triste...” (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p. 66). Nesse convite, está implícita uma característica peculiar ao universo da criança – a solidão, subentende-se que é uma ideia peculiar ao universo da criança, contudo tem como resposta “– Eu não posso brincar contigo, disse a raposa. Não me cativaram ainda.” (p. 66). *O Pequeno Príncipe* refletiu e perguntou: “– Que quer dizer cativar”? Complementando: “– Como cativar se não sei o que significa cativar”. A raposa questionou-o: “– que procuras”? O diálogo estabelecido entre os dois é que possibilita saber o interesse de um pelo outro (p. 66).

A Raposa não responde rapidamente a indagação do *Pequeno Príncipe*. Antes, quer saber o que ele procura. Então, ele é enfático em sua resposta: “– Eu procuro amigos”. (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p. 66). E como não tem sua pergunta respondida insiste: – “Que quer dizer cativar”? A resposta da raposa vem carregada de nostalgia, porém, impactante: “– É uma coisa muito esquecida” (p.66) e explicou: – “Significa “criar laços...” (p.66). Sobressaltado, *O Pequeno Príncipe* pergunta: “– Criar laços? Sim! Criar laços.

– Exatamente, disse a raposa. Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens necessidades de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo e eu serei para ti única no mundo... (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p. 66,67).

Como em toda relação humana, também numa relação entre uma raposa – um animal – e um *Príncipe* – uma criança –, afetos e sensibilidades podem selar uma amizade entre os seres que têm interesses comuns como: proteger um ao outro e, juntos, se protegerem do desconhecido. O Príncipe quer ter amigos; a Raposa quer ser cativada para ser amiga.

Uma característica peculiar à criança e visível no *Pequeno Príncipe* é que ela é desprovida, em sua inteireza, de preconceitos, inculcados nela pelo adulto na vida dela pelo adulto. Ele possui a expectativa de encontrar um amigo para brincar; a Raposa, simbolizando o adulto, procura alguém para cativar e ser cativada.

O *Pequeno Príncipe* compreendeu que o que faz a diferença, entre os iguais, é o grau de comprometimento estabelecido entre eles e reconhece que o que o faz voltar-se, novamente, para sua flor é o fato de já ter sido cativado por ela.

Assim, travam uma longa conversa sobre o que fazem. O *Pequeno Príncipe* aprendeu o que é cativar, pois, na prática, também cativou a rosa. Ao falar da monotonia de sua vida, a *Raposa*, agora, quer ser cativada pelo *Pequeno Príncipe*: “– Por favor, ... cativa-me!”, disse ela. (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p.68)

O menino desejava tanto fazer um amigo, mas, de repente, toma consciência de que não tem tempo para isso e rejeita o convite para cativar a *Raposa*. Para Bachelard, (1996, p. 128), o tempo é concreto e não pode ser uma metáfora que podemos tomar como empréstimo. Assim, “Num tal devaneio voltado para a infância, a profundidade do tempo não é uma metáfora tomada de empréstimo a medida de espaço. A profundidade do espaço é concreta, concretamente temporal”. A falta de tempo a que o *Pequeno Príncipe se refere* é resultante do tempo que ele utilizou para suas descobertas e aventuras.

Significa que adulto, empobrecido pela falta de imaginação e sensibilidade, não tem mais tempo para o brincar, o cativar os amigos desinteressadamente. O tempo concreto, real, cronológico, não lhe permite se aproximar e cativar um animal selvagem e arisco como a Raposa, mas o tem, concretamente, quando se trata de conquistar novos amigos, de fazer novas descobertas, visitar novos planetas e conhecer outras coisas...coisas de príncipes. Vejamos, novamente, o que diz Bachelard, sobre a consciência quando se trata do tempo:

A consciência do tempo é sempre, para nós, uma consciência da utilização dos instantes, é sempre ativa, nunca passiva – em suma, a consciência de nossa duração é a consciência de um progresso de nosso ser íntimo, seja de progresso efetivo, imitado ou, ainda, simplesmente sonhado (BACHELARD, 2007, p. 86)

O desejo que tem o Pequeno Príncipe de querer conhecer novos planetas, diria Bachelard (1996, p.110): “... não vem com hora marcada, ajudar em nossa vida ativa”. Sua atitude é de quem está liberto da “engrenagem do calendário”, sem data marcada para imaginar e devanear.

Porém, a Raposa argumenta que, para conhecer, é preciso cativar: “– A gente só conhece bem aquilo que cativou”. (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p.68). Então, o que será que os homens compram pronto nas lojas? “– Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos” (p.68). A *Raposa* profere as seguintes palavras: “– Se tu queres um amigo, cativa-me”. (p.68). Se quer ter um amigo, tenha tempo para mim. Ela ensina ao *Pequeno Príncipe* a lição do valor da verdadeira amizade, que não tem preço. – Quer ter amigos? CATIVA.

A lição da *Raposa* parece ser esta: não se pode ser amigo vindo o outro de modo superficial, sem cativá-lo, sem criar laços. Cativar é, antes de tudo, ter tempo, ser paciente, observador daquele que se quer cativar. Cativar requer tempo concreto. Tempo é coisa preciosa, e poucos o têm para oferecer. O tempo em Bachelard (2007, p.86), como dito anteriormente, é “uma consciência da utilização dos instantes, é sempre ativa, nunca passiva...”; consciência que é construída pelo sujeito no decorrer de sua existência.

Na obra *O Pequeno Príncipe*, a Raposa quer ensinar ao menino que, se ele não dedicar tempo para sua amizade, não terá um passado como referência para o tempo presente. Ainda que em Bachelard a concepção de tempo não seja saber acumulativo, ela se faz por rupturas.

E o tempo é elemento determinante na relação do cativar, que principia com o olhar, mas não qualquer olhar, o olhar, aqui desejado, é o que perscruta o íntimo do ser humano. E nessa relação, o humano e o animal são perpassados por um olhar sem reprovação, destituído de todo preconceito e estereotipagem

O olhar desejado subsume-se a todos os olhares; é ver além daquilo que os olhos nos captam como imagem real, verdadeira. É fazer parte da experiência a partir daquilo que é observável.

Assim, a expectativa do *Pequeno Príncipe* de encontrar um amigo para brincar é suprida no momento que aprende que, para conseguir um amigo, é necessário cativar, dia a dia, um ao outro. Com o olhar do coração...

Mas a sociedade pós-moderna tende a nos negar as possibilidades de afeto e sensibilidades na relação com outrem; vivenciamos a fluidez dos laços familiares, da amizade, da religiosidade, das crenças. Os valores que pesam são os valores representativos do olhar superficial das relações capitalistas.

Bachelard (1996, p. 118) fez a seguinte pergunta: “Ah, será que a criança que subsiste em nós permanece sob o signo da infância interdita”? Parafrazeando Bachelard, diríamos: Ah, será que a infância que subsiste em nós permanece sobre o signo da criança interdita? Uma coisa é uma infância interdita outra é a criança. Assim, a “Tarefa que a poético-análise deveria cumprir” seria deixar que “Todos os sonhos de criança devem ser retomados para que alcem seu pleno voo de poesia” (p.118) Os voos da sensibilidade, do afeto e do olhar, são sempre desprovidos de banalidades, por isso, podem ainda nos desconcertar.

A lição da Raposa não termina na ação de esperar ser cativada por outrem. A lição da Raposa parece-nos, foi revelada na frase: “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos” (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p.?).

Notadamente, se existe um segredo sobre a relação humana, esse segredo tem a ver ao que parece com o sentimento que se denominou de sentimento do coração. E ver com o coração leva-nos a refletir sobre a importância de olharmos verdadeiramente para o outro e enxergá-lo para além da aparência física. Eis, portanto uma das tarefas mais difíceis de realizar em todos os tempos. E, nos dias atuais não é diferente. As mídias sociais e tecnológicas impõem que o mais importante é o aspecto físico, a estética do corpo, a posição social, o status de uma pessoa.

O sujeito aqui representado pelo eu interior se externaria no caráter, na ética, nos princípios, nos valores familiares e sociais, é banalizado, deixado de lado em nome de um status que tem a ver com o Ter.

Os olhos anatómicos podem ver tudo, mas somente o olhar com o coração é capaz de enxergar verdadeiramente o essencial dos seres e das coisas. Novamente a raposa retoma o tema do tempo. “_ Foi o tempo que perdeste com tua rosa que fez tua rosa tão importante”. (SAINT-EXUPÉRY, 1998, p. 72).

A abordagem do tempo perdido na narrativa da Raposa é um tempo significativo, tempo de ganho de vida humanizadora. Pois, todo tempo “perdido” com quem amamos é um tempo vitorioso e valoroso.

Na educação é necessário “perder tempo” para ganharmos cidadãos críticos e reflexivos para a vida e a sociedade da qual ele faz parte. Se lembrarmos desta máxima, certamente faremos parte dessa outra afirmativa da Raposa na frase: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo/aquele que cativas.” (SAINT-EXUPÉRY, 1998, 72). Frase que representa a responsabilidade em cativar alguém, no contexto da amizade, da efetivação dos laços e da educação. Não basta tão somente cativar as pessoas, os sentimentos precisam ser alimentados nas relações de amizade.

Por vezes, resistimos em cativar alguém, para nos exirmos da responsabilidade que essa tarefa nos encarrega, ser sempre responsável. Pois, o olhar com o coração gera comprometimento e responsabilidade.

Sendo assim, vê com o coração e cativar as pessoas, são sentimentos que estão imbricados, pois ao ver/olhar com o coração nos remete ao cativar, e todo cativar induz ao comprometimento.

Assim, concluímos que pensar na imagem da criança que se constituiu a partir da narrativa dos adultos é permanecer sobre as amarras do sofrimento. O devaneio voltado para a infância é o reconhecimento da permanência na alma humana, de um núcleo de infância. Infância móvel capaz de alçar voo da liberdade.

Referências

BACHELARD, G. **A Poética do Devaneio**. 3. ed. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BACHELARD, G. **A intuição do instante**. Trad. Antonio de Padua Danesi. Campinas: Verus editora, 2007.

JEAN, Georges. **Bachelard**: L'enfance et la pédagogie. Paris: Éditions du scarabée, 1983.

LIBIS, Jean (org.). **Gaston Bachelard**: um rationaliste romantique. Dijon: Centre Gaston Bachelard de recherches sur l'imaginaire et la rationalité, 2006.

PARINAUD, André. **Gaston Bachelard**. Paris: Flammarion, 1996.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Trad. Dom Marcos Barbosa. 46. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

SILVA, Luzia B. de O. **Psicanálise, Poética e Epistemologia**: A contribuição de Gaston Bachelard. Londrina: UEL, 1999.

_____. **Cecília Meireles**: Imaginário, Poesia e Educação. São Paulo: Terceira Margem, 2011.

TVERNARD, Ivone O. **A Poética da Infância em Cecília Meireles e a Educação**. Dissertação de Mestrado defendida na UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba/SP, 2013.

Recebido para publicação em 28-05-17; aceito em 30-06-17